

Décio de Almeida Prado fala de Paulo Emílio Salles Gomes

Cláudia de Arruda Campos
Ivone Daré Rabello

Professoras da Universidade de São Paulo

Entre 1990 e 1992, Cinemateca e Museu da Imagem e do Som registraram quinze depoimentos sobre Paulo Emílio Salles Gomes. As informações ali gravadas apresentam grande variedade, de acordo com o lugar de onde fala o depoente: família, geração de *Clima*, Cinemateca, Universidade. No conjunto, porém, é possível perceber um traço comum: a dificuldade de traçar contorno definido para um caráter tão pouco propenso a fixar-se.

A imagem inquieta que surge dos relatos talvez possa ser contida entre os extremos da invenção e das imposições da realidade. Ele era “nosso delegado no reino da fantasia”, diz Gilda de Mello e Sousa, e nesse mesmo depoimento – como em todos os demais – Paulo Emílio se mostra também como o homem que realizou projetos e procurou responder efetivamente às circunstâncias.

Escolhemos para publicação o depoimento de Décio de Almeida Prado, entre outros motivos porque, no relato de sua longa convivência com Paulo Emílio, ao alinhar casos e momentos, faz surgir, desde as experiências miúdas e desde a adolescência, uma imagem substancial desse que, burguês espicaçando a própria classe, viveu a contradição dentro de si mesmo.

Agradecemos a Fernando Faro, diretor do Museu da Imagem e do Som, e ao Professor Décio de Almeida Prado por autorizarem a publicação do depoimento, gravado em 7 de março de 1990. Também agradecemos a Maria Regina Davidoff, do MIS, pela ajuda valiosíssima e gentil.

O depoimento de Décio de Almeida Prado não foi transcrito na íntegra. Além de recortes, houve alteração na ordem do relato, para aglutinar temas.

Sobre Paulo Emílio

Décio de Almeida Prado

Professor da Universidade de São Paulo

Na última fileira, de calça comprida, gravatinha, um ar...

Fizemos cinco anos de ginásio juntos, de 1929 a 1935, num colégio que na época se chamava Liceu Nacional Rio Branco, na rua Dr. Vila Nova, e freqüentávamos o mesmo colégio porque morávamos não muito longe dele. Eu morava na rua Itambé, e o Paulo Emílio na Vila Buarque, na rua General Jardim. Quer dizer, em lados opostos, mas íamos para a escola a pé.

Tenho uma fotografia do primeiro ano, 1929, e lá está o Paulo Emílio e lá estou eu também. Uma grande diferença. Na verdade, ele não chegava a ser um ano mais velho do que eu, mas ele era muito mais desenvolvido fisicamente. Nessa fotografia eu estou de calça curta, na frente, sentado entre os menores, e Paulo Emílio está na última fileira, terceira ou quarta fileira, já de calça comprida, gravatinha, um ar... Parecia ser três ou quatro anos mais velho do que eu. E não posso dizer exatamente em que ano ficamos mais amigos, mas tenho certeza de que no quarto ano, em 1932, nós já éramos amigíssimos.

Paulo Emílio logo se desenvolveu no sentido literário, e já em 32, quando nossa amizade se tornou mais declarada, mesmo, cada um de nós tinha o seu ídolo: o meu era Machado de Assis, e o dele era Eça de Queirós. Ele tinha a obra completa de Eça de Queirós, inclusive a *Revista de Portugal*, que era uma coisa bastante rara, dada por um tio